

O PRAZER DA LEITURA: PERSPECTIVAS DE ABORDAGEM NO CEFET-PB

Girlene Marques Formiga

Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba
E-mail: gformiga@uol.com.br

Resumo

O presente estudo apresenta uma visão geral acerca da relação Leitura-escola, evidenciando ainda o importante papel da família em relação ao despertar para o gosto da leitura nas crianças. A escola cabe complementar e aprofundar as vivências de leitura já trazidas pelo aluno, através de estratégias que despertem o prazer de ler, conforme discute esta pesquisa, que se presta também a oferecer sugestões que possam nortear uma abordagem mais dinâmica no que se refere ao trabalho com a leitura em sala de aula.

Palavras-chave: Leitura. Professor. Escola.

1. Introdução

É comum afirmar-se que nossos alunos não gostam de ler, mas dificilmente questionamos o papel do modelo de aprendizagem ao qual aderimos na contribuição dessa deficiência. Esse trabalho pretende estabelecer uma adequação entre a fundamentação teórica e a ação prática no ensino de leitura, tendo como princípio o reconhecimento do professor enquanto adulto modelo de leitor capaz de tornar o aluno um sujeito-leitor e não um mero decodificador. Essa postura interacionista e crítica tem como finalidade tornar o ensino de leitura eficaz que nos leva para uma reavaliação da nossa prática de forma a refletir, debater e construir novas metodologias que nos proporcionem sucesso dentro e fora de sala de aula.

Não é pretensão abraçar ao mesmo tempo o quadro complexo – de ordem político-social e metodológico - que envolve o problema da leitura na escola. Deslocamo-nos para uma investigação mais minuciosa sobre como tornar mais estimulante a abordagem do texto em sala de aula (e qual a utilização dessa prática fora dos limites escolares). Para isso é necessário rever o posicionamento daqueles que lidam diretamente com a leitura. Segundo a pesquisadora Ângela Kleiman (1996, p.7), *os professores encontram-se mal informados em relação ao processo, ao leitor, e às estratégias que levam ao domínio do processo para poder assumir o ensino de leitura com segurança e, sobretudo, com coerência.*

Dessa preocupação surgiu a necessidade de investigar no Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba (CEFET-PB), em particular os alunos de 2ª série do Ensino Médio, do ano letivo de 2000, a sua vivência relativa à leitura de textos de natureza literária. Nossa discussão não surge para questionar o que se convencionou chamar de “crise de leitura”, porque é sabido que esses alunos até lêem, mas o fazem a fim de serem atendidos em suas necessidades imediatas, como a leitura de jornais, músicas e revistas com as quais se identificam. Então até que ponto essas leituras são estendidas a outras tipologias textuais, a exemplo da poesia, das crônicas, dos contos e dos romances?

A pesquisa pretende a partir das respostas propor algumas alternativas viáveis, fundamentadas em novas metodologias que possibilitem o interesse do aluno por textos literários. Assim a investigação visa facilitar o trabalho do professor, bem como fornecer instrumentos que possam permitir o aluno entrar no mundo da leitura literária, vendo-a como

fonte de prazer, de aquisição de conhecimento e de interação social.

2. Considerações acerca da Leitura em Sala de Aula

Ler não é um ato natural, além de ser uma habilidade adquirida, é um processo progressivo, uma vez que parte do mais simples para o mais complexo. Essa tarefa é uma construção iniciada desde os primeiros contatos que a criança mantém com o mundo: “lendo” suas primeiras impressões acerca de seu novo ambiente, vendo simples gravuras que despertam sua atenção, ouvindo as primeiras histórias infantis, recontando a sua forma de “ver” as coisas e isso significa “treinar” a relação com a leitura através de seu mundo – é o contar, o recriar, sem, porém, inibir a fala e o pensamento, as vantagens que a leitura oferece.

Nessas descobertas existem mediadores que facilitam o entendimento das coisas que para ela ainda são complexas, na maioria dos casos os pais assumem esse papel, e essa construção gradual vai acontecendo até a criança entrar para um novo meio, a escola. A partir daí o aprofundamento no mundo da leitura vai progredindo à medida que um outro mediador entra em cena: o professor. Portanto, compete a ele desenvolver no aluno habilidades que lhe garanta ler qualquer texto apresentado e começa-se, então, o novo desafio para esse profissional: tornar a leitura indispensável ao desenvolvimento social e à satisfação pessoal.

O fato de a criança iniciar desde cedo esse hábito favorece consideravelmente o trabalho do professor. O despertar do interesse pelos livros passa necessariamente pela família e se consolida nos primeiros anos de escolarização. Os adultos têm um papel importante na iniciação que poderá se transformar em prazer ou desprazer. As crianças que não se beneficiaram desse estímulo necessitarão de mais intimidade com textos e mais atenção da escola. No entanto isso não significa que serão penalizadas eternamente porque estas ainda terão chances de serem resgatadas para o mundo da leitura. E esse desafio cabe aos professores, não apenas aos de Língua Portuguesa, mas a todos aqueles que fazem o corpo da escola, porque textos são estudados em todas as disciplinas.

A ausência do hábito de ler pode ser conseqüência de práticas de leituras desmotivadoras cujas raízes provêm de concepções errôneas sobre texto, arraigadas no contexto familiar e legitimadas na escola. Como a vivência que os alunos têm de leitura, no processo de alfabetização, perpassa pela decodificação das palavras, que lhes é apresentada como uma atividade árida, e mais tarde quando estão em séries mais avançadas, apenas, como pretexto para os infinitos exercícios gramaticais, os alunos acabam incorporando essa tradição escolar como leitura, entrando o caminho até o prazer. A atividade puramente mecânica do texto não tem nada a ver com a atividade prazerosa que a leitura deve ser - e o é. Daí a razão de eles considerarem tal ato de difícil compreensão e a resposta natural é a rejeição.

Para o texto ganhar sentido é necessário que o leitor mantenha as mais variadas relações de interlocução com o mesmo, afinal o texto será o mediador no processo dialógico de leitura entre leitor/autor. Assumir uma só postura de leitura é limitar o aspecto discursivo da linguagem, minando as possibilidades de significações que o leitor pode atribuir ao texto, a exemplo do pretexto que professores utilizam para assimilação das normas gramaticais. Pode até, sim, incluir essa postura, desde que não invalide as demais, como a leitura a fim de buscar informações, estudar o próprio texto ou simplesmente lê-lo por mera fruição, atividade solitária, feita no canto preferido de nossa casa, que nos permite sonhar e ir além da realidade, já que favorece a entrada em outros mundos, o que nos lembra bastante das histórias vividas na nossa infância. João Wanderley Geraldi (1984, p.86) encerra com propriedade a relação escola-texto-prazer ao afirmar: *Recuperar na escola e trazer para dentro dela o que dela se exclui por princípio – o prazer - me parece o ponto básico para o sucesso de qualquer esforço honesto de “incentivo à leitura”.*

3. Relação entre a Leitura-Professor-Escola

São inúmeras as influências para a promoção do interesse pela leitura, entre elas a do professor que pode ser decisiva nesse processo, quando sua responsabilidade não é apenas a de continuar uma atividade já iniciada pelos pais, mas a de tentar compensar as oportunidades desiguais dos alunos cujo progresso não é estimulado em casa. É incoerência querer formar leitores apaixonados se o próprio professor não mantém uma relação se não de paixão ao menos de interesse significativo por leitura, o que não significa ser um erudito conhecedor de todo o gênero literário. Mas que tenha conhecimento dos poemas principais de determinados poetas e que tenha lido também as narrativas que julgar importantes para auxiliar seus alunos no desempenho de leitura. Certamente, com essa prática, ele dominará os temas recorrentes, a linguagem e o estilo de alguns autores; e no papel de leitor será mais fácil convencer o aluno de que lendo, ele terá oportunidade de ampliar criticamente seus conhecimentos práticos e adquirir outros e tudo isso é possível enquanto se vive o prazer da linguagem.

O ensino da leitura compete a todos nós; cabe, então, a cada um explorar e incentivar o hábito desse ato, dominando noções básicas dessa prática, tornando possível à escola, e não somente ao professor de Língua Portuguesa e Literatura, disponibilizar mecanismos ao estímulo da leitura, favorecendo a construção da aprendizagem mediante a interação Leitura-Escola. Ângela Kleiman (1998) acredita que o professor que lê, não necessariamente um especialista em leitura, deve desenvolver estratégias de leitura eficientes, que permitam ao aprendiz a compreensão da palavra escrita, a fim de funcionar plenamente na sociedade que impõe a cada dia mais exigências de letramento, isto é, de contato e familiaridade com a escrita para a sobrevivência.

O professor deve ter conhecimento dos fatores que exercem influência sobre interesses de leitura e para isso é necessário que se conheça primeiro com que tipo de público ele trabalha. Partindo desse ponto, ele terá condições de selecionar textos que despertem a curiosidade do aluno, atendendo as suas expectativas bem como expandindo as propensões já existentes e, finalmente, ajudá-lo a seguir seu caminho de leitor, porque os assuntos e os temas são decisivos para despertar o interesse pela leitura. Se o material não for compatível com o seu nível, o resultado será a total aversão à leitura, daí a importância de o professor estar atento a essas questões. O pesquisador em leitura, Richard Bamberger (1987, p.62), afirma:

O interesse do mestre por seus alunos ainda é o elemento mais importante. Ele precisa aprender a compreender a criança, seus antecedentes sociais e culturais (pais, amigos etc.) e, acima de tudo, mostrar interesse pela leitura pessoal de cada uma, animando-a continuar por seus próprios esforços.

Como é uma tendência natural do aluno de se apropriar das estratégias de leitura do professor, este deve fornecer em seu modelo leituras que guiem o aprendiz ao raciocínio, à inferência, bem como à procura de sentido e significação no texto, evitando assim leituras automáticas no processamento lingüístico fora do seu controle consciente, tendo como princípio de apreensão textual análise dos aspectos discursivos, da interação através do texto escrito.

Será que a escola educa efetivamente para a leitura? Sabe-se que essa instituição é a responsável pelo domínio do código alfabético, mas o ato de ler e escrever garante a formação de um leitor permanente? Paulo Freire (1986, p.11) diz: *a leitura do mundo precede a leitura da palavra*. Seguindo o pensamento do educador, a leitura não é um mero ato de decodificação da palavra escrita, é compreender e estar consciente do contexto, do mundo particular em que vivenciamos nossas experiências. Dessa forma, a Leitura é concebida, não como manipulação mecânica e estática, mas dentro de uma relação dinâmica entre linguagem

e realidade cujos pólos interagem mutuamente.

Essa perspectiva define-a como um ato político, de conhecimento e de criação. Essa atividade, portanto, tem seus primeiros passos atrelados aos do leitor, ou seja, inicia-se com a educação dita informal, na família, e adquire sustentação na vida comunitária. Passados esses primeiros contatos com o “vocabulário ocular”, com a leitura de mundo anterior à educação formal é que a escola entra em cena para sedimentar o hábito, no papel de mediador.

O hábito da leitura não se aprende de forma isolada, pois faz parte dos padrões culturais de um país, mas a escola ocupa uma função importante no trabalho intelectual, daí a necessidade de se manterem intrínsecos o par: Leitura e Escola. Preservar essa relação é perceber que ambas compartilham de um aspecto em comum, a natureza formativa. Cabe, portanto, à escola desenvolver no aluno habilidades de leitura que o capacite à continuação do estudo de forma independente porque a ação do professor é efêmera, mas as estratégias eficazes de leitura e aprendizagem desenvolvidas por ele são eternas na formação de leitores capazes de interagir com qualquer tipo de texto.

4. O Texto Literário em Sala de Aula

A atividade mágica, lúdica, intuitiva e criativa inerentes ao texto literário está um pouco distante da prática de leitura aplicada em sala de aula. O que se tem comumente visto no exercício das aulas são abordagens textuais sem motivação e muitas vezes até perversas, a exemplo das tarefas mecanicistas em que o aluno busca apenas a informação já expressa no texto ou ainda quando um paradidático é lido com o único objetivo de confirmar se este foi realmente lido, como se a finalidade da leitura fosse a avaliação enquanto prova.

Percebe-se o descuido com que os textos literários são tratados. Os erros ocorridos no tratamento das poesias são freqüentes, contribuindo cada vez para a falta de incentivo à leitura. A escola deve romper a prática de trabalhar poesias somente para estudar regras gramaticais e ortográficas; ou mesmo para exercitar os aspectos estruturais do poema, como nomear estrofe, verso, rima; ou ainda a fim de decorar um número sem fim de figuras de linguagem, sem atentar para o valor extremamente significativo que esses recursos possuem no seu interior. Deixar de trabalhar com as estruturas internas do texto poético é transformar a leitura numa atividade “reprodutora e repetitiva”. Afinal o importante na linguagem literária não é o que é dito, mas o modo como é dito. Desenvolver essa sensibilidade no aluno é fazê-lo descobrir o valor estético do texto, a multiplicidade de sentidos e valorizar sua criatividade enquanto leitor que dialoga com a poesia.

Através da pesquisa feita a partir de questionários que investigaram os alunos a respeito do espaço que a leitura ocupa no seu cotidiano, a relação que a família mantém com a leitura e como a escola vem desenvolvendo a leitura em sala de aula, em especial a de natureza literária, percebeu-se que a maioria desses alunos gosta de poesias, no entanto alguns nem as lembram mais nem tampouco os respectivos autores. Será este um atestado para aulas maçantes que não lhes vêm à mente nenhum título, nenhum poeta, nem ao menos uma referência que lhes chamassem a atenção?

Uma parte dos alunos ainda respondeu que as aulas de literatura têm sido enfadonhas e desestimulantes, o que contribui ainda mais para que se afastem da leitura. Em experiências em sala de aula, desenvolvidas no ano letivo de 2000, iniciamos uma nova abordagem a começar abolindo algumas questões do livro didático, muitas vezes direcionadas e limitadas em achar simplesmente informações em vez de reconstruí-las mediante o conhecimento prévio do aluno ou modificá-lo, de forma a reestruturar esse conhecimento graças ao acréscimo da nova informação. Essa metodologia faz com que o aluno perceba que a atividade de ler é um processo de troca e influências mútuas entre leitor e autor e não apenas um repositório de informações que se é obrigado a aceitar, ou não, sem nenhuma ação reflexiva e interativa das partes envolvidas.

A partir da vivência cotidiana com a leitura na sala de aula, o professor Hélder

Pinheiro (1995, p.22) enumera algumas condições indispensáveis para o trabalho com a poesia, que ao nosso ver pode ser estendido a qualquer gênero literário. A primeira é que o professor tenha uma experiência significativa de leitura; a segunda, que haja sempre uma pesquisa sobre os interesses de nossos alunos; e a terceira, a criação de um ambiente adequado para se trabalhar ao texto.

Outro erro que vivenciamos é o vício pedagógico bastante arraigado em sala de aula: a prova do paradidático como forma de assegurar a leitura de tal obra. Essa prática só tem afugentado as crianças e os jovens do prazer de ler, desafiando os professores a encontrar estratégias que favoreçam uma relação viva, apaixonante entre texto/leitor. E a literatura se revela um excelente caminho para essa interação, porque a obra ficcional se constitui numa imagem simbólica do mundo que recusa os vazios do discurso cotidiano e abre espaços para assinalar as contradições do mundo, bem como se coloca à disposição de outros textos – concordando com eles ou negando-os – e do próprio contexto. A prova em relação ao paradidático não se caracteriza como um recurso eficaz da avaliação e com base nessa verificação adotamos uma outra forma de avaliar: acompanhamos o processo de leitura e registramos o crescimento dos leitores, individualmente.

O livro é apresentado à turma com a devida seleção e objetivos delineados, a leitura é feita fora da ambiência escolar e a discussão na própria sala de aula ou num outro ambiente dentro da própria escola que favoreça um espaço adequado para as discussões. O mais importante é que o professor esteja atento e faça com que todos se envolvam, participando ativamente dos questionamentos e das diferentes posições inerentes a um texto literário, de modo que seja registrado o progresso de cada aluno.

É importante, ainda, que o aluno tenha a curiosidade despertada para visitar sempre textos literários, de forma que a frequência de leitura desses textos seja contínua. Além disso, deve obedecer a uma ordem metodológica gradativa. A intenção desse trabalho é criar a predisposição e o grau de percepção indispensáveis à compreensão de linguagens textuais e em níveis de complexidade diversos. A sugestão é que se inicie com textos mais curtos (se a seleção for narrativas), como crônicas, contos, novelas, de preferência contemporâneos porque estão mais ligados à vivência do nosso leitor. Em seguida, introduzam-se os textos maiores e mais complexos, a exemplo dos romances, inclusive os clássicos de séculos anteriores.

Outras sugestões são: produção de antologia de autores de quem o aluno mais goste, varais poéticos; montagens de peças teatrais a partir de textos lidos; painéis que registrem através da pintura ou colagem um determinado texto; a promoção do debate de leitura em salas reservadas ou na biblioteca da própria escola, culminando com a produção de novos textos; e por último, a criação de uma sala em que funcione a Oficina de leitura, projeto criado por alguns professores pertencentes à Coordenação de Linguagens e Códigos.

A pesquisa que vimos desenvolvendo demonstra o fato de os problemas de hábito de leitura na escola serem superáveis, desde que se criem condições que permitam tal envolvimento. O trabalho, naturalmente, não será fácil, tendo em vista a formação precária do professor na área de leitura, acrescentando-se o fato de que compreensão de leitura é um processo altamente subjetivo. Mesmo assim é preciso acreditar que o professor pode, sim, criar condições favoráveis para que as atividades de leituras sejam desenvolvidas em sala de aula de modo a possibilitar que os alunos criem, a partir dessas práticas, a sua própria compreensão de leitura, fazendo dessa uma atividade permanente e natural em suas vidas.

5. Conclusão

Nosso trabalho contém algumas reflexões teóricas e práticas a respeito do trabalho com leitura em sala de aula desenvolvido em turmas de 2ª série, do Ensino Médio, no CEFET-PB, bem como sugestões de métodos que estimulem esse ato. Para isso, sugere-se a colaboração dos envolvidos com a formação do cidadão, no sentido de inserir em suas

práticas metodológicas estratégias de incentivo à leitura, tendo em vista o caráter interdisciplinar tão discutido atualmente nessa instituição.

A pretensão desse trabalho não foi apontar estratégias milagrosas que sanem o problema do fracasso na formação de leitores, mesmo porque o despertar do interesse pela leitura passa obrigatoriamente pelos primeiros anos de vida e tem sua continuidade, enquanto processo progressivo e contínuo que o é, na escola. É evidente que o problema não é simples porque não envolve apenas leitores e docentes, mas todo o corpo formador de cultura, que muitas vezes vive se atropelando ao invés de articular iniciativas para criar uma política de leitura que oportunize ao cidadão ampliar de forma crítica seus conhecimentos práticos e adquirir outros, enquanto vive-se o prazer da leitura.

Diante do quadro de desafio entre leitor e livro, mais a escola necessita investir em programas de difusão da leitura. É notório que a deficiência da expressão escrita e oral dos jovens se dá pela falta do hábito de leitura e isso gera um desenvolvimento precário de reflexão e do pensamento crítico. A escola e seus agentes, responsáveis em formar cidadãos, devem dar ênfase à leitura nas atividades desenvolvidas em sala de aula, utilizando textos adequados à realidade do aluno, de forma a promover o desenvolvimento integral do educando com seus valores, costumes, ideais e contradições manifestadas através da palavra impressa e do cotidiano. Só assim será proporcionado o desvelamento do mundo, a revelação do sujeito e certamente será garantido o permanente prazer de ler.

6. Documentos Consultados

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura?** 3 ed. São Paulo: Ática, 1987.

BARONE, Leda M. C. **E ler o desejo ao desejo de ler.** 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

BARZOTTO, Valdir Heitor (org.). **Estado de leitura.** Campinas: Mercado de Letras, 1999.

DALLA ZEN, Maria Isabel Habckost. **Histórias de leitura na vida e na escola: uma abordagem lingüística, pedagógica e social.** Porto Alegre: Mediação, 1997.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** 37 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

GERALDI, João Wanderley. **Prática de leitura de textos na escola.** In: _____. O texto na sala de aula: leitura & produção. 4 ed. Cascavel: Assoeste, 1985.

KAUFMAN, Ana Maria; RODRIGUES, Maria Elena. **Escola, leitura e produção de textos.** Trad. Inajara Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: teoria e prática.** 6 ed. São Paulo: Pontes, 1998.

_____. **Leitura: ensino e pesquisa.** 2 ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 1996.

_____. **Texto & leitor: aspectos cognitivos da leitura.** 6 ed. Campinas: Pontes, 1999.

_____. MORAES, Sílvia E. **Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola.** Campinas: Mercado de Letras, 1999.

MARINHO, Marildes; SILVA, Ceris Salete da. (orgs.) **Leituras do professor.** Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB, 1998.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** 19 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Ensino Médio: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 1999.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula.** João Pessoa: Idéia, 1995.

SÁ, Roberto. **Gradação de leituras no Ensino Literário.** Cuiabá: EdUFMT, 1998.